

VER, NOMEAR, RECONSTRUIR: UMA CONVERSAÇÃO COM MULHERES DO BRASIL E MOÇAMBIQUE

SEE, NAME, RECONSTRUCT: A CONVERSATION WITH WOMEN FROM BRAZIL AND MOZAMBIQUE

VER, NOMBRAR, RECONSTRUIR: UNA CONVERSACIÓN CON MUJERES DE BRASIL Y MOZAMBIQUE

RESUMO

Este texto apresenta um estudo centrado nos usos das redes sociais por mulheres. A análise baseia-se em relatos fornecidos por mulheres brasileiras e moçambicanas, cuja problematização foi orientada por teorias da Comunicação e Estudos Decoloniais, dentro de um quadro metodológico feminista. O objetivo principal da pesquisa foi investigar de que maneira as experiências e práticas de comunicação nas redes sociais contribuem para a organização e ampliação da capacidade de autoexpressão dessas mulheres. Podemos afirmar que mídias sociais e a comunicação se consolidam como um direito através do uso e produção das informações proporcionando às mulheres a oportunidade de encontrar sua própria voz e de escutar as vozes de outras mulheres. Esses espaços também são percebidos como condições afetivas para a existência, resistência e reafirmação da identidade, permitindo que as mulheres se posicionem como sujeitos pertencentes e capazes de nomear suas experiências na primeira pessoa.

Palavras-chave: Comunicação e mídias sociais. Experiência sociopolíticas. Mulheres Brasileiras e Moçambicanas.

ABSTRACT

This text presents a study, focused on addressing the uses of social networks by women. The analysis is based on reports provided by Brazilian and Mozambican women, whose problematization was guided by theories of Communication and Decolonial Studies, within a feminist methodological framework. The main objective of the research was to investigate how communication experiences and practices on social networks contribute

to the organization and expansion of these women's capacity for self-expression. We can affirm that social media and communication are consolidated as a right through the use and production of information, providing women with the opportunity to find their own voice and listen to the voices of other women. These spaces are also perceived as affective conditions for existence, resistance and reaffirmation of identity, allowing women to position themselves as subjects who belong and are capable of naming their experiences in the first person.

Key words: Communication and social media. Sociopolitical experience. Brazilian and Mozambican women.

RESUMEN

Este texto presenta un estudio, enfocado a abordar los usos de las redes sociales por parte de las mujeres. El análisis se basa en informes proporcionados por mujeres brasileñas y mozambiqueñas, cuya problematización fue guiada por las teorías de la Comunicación y los Estudios Decoloniales, dentro de un marco metodológico feminista. El principal objetivo de la investigación fue indagar cómo las experiencias y prácticas comunicativas en las redes sociales contribuyen a la organización y ampliación de la capacidad de autoexpresión de estas mujeres. Podemos afirmar que las redes sociales y la comunicación se consolidan como un derecho a través del uso y producción de información, brindando a las mujeres la oportunidad de encontrar su propia voz y escuchar las voces de otras mujeres. Estos espacios también son percibidos como condiciones afectivas de existencia, resistencia y reaffirmación de identidad, permitiendo a las mujeres posicionarse como sujetos pertenecientes y capaces de nombrar sus experiencias en primera persona.

Palabras clave Comunicación y redes sociales. Experiencia sociopolítica. mujeres brasileñas y mozambiqueñas.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma reflexão afetivo-teórico-metodológica sobre o processo de realização da pesquisa de doutorado situada no âmbito das discussões sobre a comunicação e focalizada usos das redes sociais pelas mulheres, especialmente naquelas estabelecidas por meio da internet. A pesquisa abrangeu o Brasil e Moçambique, analisando relatos de mulheres na fanpage "Vamos juntas?" no Facebook, no Brasil, e no grupo presencial "ALGO MAIS", em Maputo, Moçambique.

Esses relatos foram problematizados a partir dos contextos teóricos da Comunicação e dos Estudos Decoloniais, representando uma leitura da realidade das mulheres desses dois países, conectando essas análises às práticas e experiências nas mídias sociais dentro do arco dos Estudos Feminista. Realizada nos anos de 2017 e 2018, a pesquisa teve como objetivo compreender como as experiências e práticas de comunicação em redes, tanto online como offline, das mulheres do Brasil e de Moçambique contribuem para organizar e aumentar sua capacidade de dispor de si.

Este estudo destaca-se pela sua abordagem interseccional, explorando as interconexões entre comunicação, experiências decoloniais e feminismo. Proporciona uma análise do papel das redes sociais na expressão e capacitação das mulheres em contextos específicos. Enfrentamos inúmeros desafios ao decidir conduzir esta pesquisa em contextos socioeconômicos e culturais tão diversos. Além disso, ao longo do processo buscamos incorporar as reflexões de Sueli Carneiro (2005) sobre justiça epistêmica, vigiando os mecanismos de hierarquização e apagamento das pessoas participantes da investigação.

No percurso o pensamento de Alejandro Haber (2011) sobre a necessidade de uma metodologia indisciplinada revelou-se fundamental. Segundo o autor, na investigação indisciplinada, as relações não são independentes das relações sociais; ao contrário, estão entrelaçadas em conversação e solidariedade: “Las conversaciones con los sujetos y colectivos populares, movimientos sociales y comunidades locales, en fin, junto a quienes se forman solidaridades duraderas en las que nos reconocemos mutuamente” (p. 23).

Assim, Haber (2011) nos instiga a “subjektivarnos desde otros lugares que no sean los que institucionalmente nos llevan a construir nuestro privilegio epistémico. Esos otros lugares son de reconocimiento, de aprendizaje, y de solidaridad” (p. 18).

As reflexões do autor argentino foram o eixo em torno do qual construímos a abordagem metodológica, desenhando caminhos que expressassem nossas aspirações acadêmicas e o compromisso político com o mundo das mulheres, tudo isso reconhecendo nosso lugar de privilégio. Neste contexto de reflexões sobre objetivos, procedimentos e condições de execução de uma pesquisa, Haber (2011, p. 21), indaga:

¿De qué (no) material estamos (no) hechos?, ¿cuáles son las huellas que me constituyen y que me sitúan en este domicilio?, ¿de qué maneras me ha instrumentalizado (disciplinado) mi instrumento (disciplina)?

As respostas a essas perguntas, aposta Haber (2011), indicam onde vive nossa escrita e pesquisa, que frequentemente se distanciam consideravelmente dos locais onde cultivamos as relações mais sólidas e duradouras de solidariedade.

Isso ocorre porque, ao longo de nossa formação disciplinar, vamos incorporando a linguagem que, além de domesticar a solidariedade que nos constitui, acomoda e ou molda nossas inquietações.

O texto que segue está dividido em 3 movimentos: ver, nomear e reconstruir. Ele se orienta pelo giro hermenêutico da ação pela transformação em prol da mudança (FIORENZA, 2009), e se pauta pelo nosso comprometimento como pesquisadoras feministas na construção de um mundo justo e bom para todas e todos, com especial atenção para as mulheres.

No contexto das lutas das mulheres, são inúmeros os trabalhos de diagnósticos sobre as opressões e desigualdades sociais que elas enfrentam e experienciam ao redor do mundo. Assim, nosso trabalho investigativo foi um esforço para nomear o que é libertador. Para isso, seguimos uma abordagem metodológica que nos destacou, em todo o percurso, a crítica e a vigilância necessárias para nossa responsabilidade discursiva em relação às experiências das mulheres brasileiras e moçambicanas, das quais tivemos o privilégio de acessar.

2. VER

Neste movimento, ocupamos, a partir da condição feminista, o nosso lugar no universo acadêmico – construindo assim uma certa maneira de **ver** e sentir o mundo. Estudamos e interpretamos aspectos teóricos, observamos, vivemos e ouvimos mulheres e, com isso, elaboramos construções analíticas.

Essas construções basearam-se em nosso corpo, em movimentos geográficos, físicos e virtuais, em exercícios afetivos de falas e escuta que ocorreram na minha casa; tomando mate com os pais; cozinhando com e para amigas; em percursos de ônibus, avião e barco; nos encontros com as mulheres moçambicanas do ALGO MAIS¹ e na interação com as brasileiras nos espaços virtuais do Vamos juntas?²; cruzando o Atlântico; em Moçambique – numa imersão autotransformadora, indo do Sul ao Norte desse país que encantou todos os nossos sentidos. O resultado disso é este documento – tecido com “fios de outrem”, a partir das nossas escolhas.

Neste projeto de ver e observar o mundo desde uma perspectiva interrogativa, testemunhamos as dores, os sofrimentos, as humilhações e as tristezas das mulheres presentes nas diversas experiências a que tivemos acesso; nos identificamos com elas, nos solidarizamos com elas. No mesmo contexto, também presenciamos histórias de superação, de lutas pessoais e coletivas que resultaram em conquistas, em solidariedade política e confiança mútua entre mulheres, e assim, encontramos um lugar junto a elas.

Transitamos entre a condição de ser eu e ser outra – estar no nosso país e ser estrangeira – em ambos os contextos fomos acolhidas e aceitas. O agir das mulheres do ALGO MAIS e Vamos juntas? nos revelou chaves de compreensão e conhecimentos da realidade atual, que servem como recursos para combater o desconhecimento sobre as mulheres.

¹ **ALGO MAIS para nós mulheres.** Esse é o nome de um grupo aberto de mulheres que se reúne mensalmente na cidade de Maputo. A divulgação dos encontros ocorre por meio de eventos no *Facebook*. Além disso há um grupo fechado no qual as mulheres deixam seus contatos, e um espaço dedicado à publicação de fotos e materiais relacionados aos temas discutidos. (ALGO MAIS, 2017, on line)

² **Vamos juntas?**, por meio de sua *fanpage* no *Facebook*. Criado pela jornalista feminista Babi Souza em julho de 2015, a página trouxe à tona o medo que as mulheres sentem da violência de gênero que sofrem na rua. “Aos poucos, o movimento deixou de ser apenas sobre “irmos juntas”, e passou a falar sobre a importância de “estarmos juntas”, sendo uma grande corrente de apoio às mulheres que sofrem por conta do machismo. Sigamos juntas! ♥”. (Vamos juntas? 2015, on-line).

No cenário dos países, onde a colonialidade (MIGNOLO, 2014) do poder, do ser e do saber espalha seus efeitos de desigualdade, encontramos as manifestações da insurgência que se organizam na intimidade dos grupos de mulheres, nas bolhas das mídias sociais, nos encontros e nas manifestações de praças e ruas.

A experiência de ser mulher no Brasil e em Moçambique expandiu nossa noção de entorno pessoal e social e influenciando nossa observação das práticas e experiências em relação às mídias sociais. Além disso, ocorreu no acionamento de redes que permitiram transformar esta investigação em um encontro entre reflexões teóricas Decoloniais, de Comunicação, de Gênero e Feministas – com suas racionalidades heterogêneas do Norte e do Sul, e a pluralidade dos feminismos – com os relatos do cotidiano das mulheres.

A promoção e a organização desse encontro, acreditamos, ser a nossa principal contribuição acadêmica, sendo possível a partir da compreensão da hermética crítica feminista (FIORENZA, 2009). A reflexão crítica e propositiva da autora proporcionou as condições para uma elaboração criativa e prazerosa, que se mostrou efetiva para alcançar os resultados da pesquisa.

Conforme Fiorenza (2009) ensina, uma hermenêutica da ação transformação para a mudança social aponta para visões alternativas do mundo, mas não prescreve um objetivo estático. Pelo contrário, demanda da pesquisa e das/dos pesquisadoras/es o comprometimento e sensibilidades diante de todas as injustiças cotidianas. Assim, se não há um ponto de chegada fixo que resumiria a caminhada completa, uma maneira de compartilhar a jornada feita é **nomear** as etapas do percurso investigativo.

3. NOMEAR

Na nossa investigação, o percurso teve início com o giro hermenêutico da avaliação da suspeita (FIORENZA, 2009), para a proposição de uma situação de investigação feminista, com um domicílio comunicacional que nos permitisse compreender a relação entre a comunicação em rede e o aumento/desenvolvimento de capacidades das mulheres que participam das fanpages Vamos juntas?, e do grupo ALGO

MAIS, ao elaborarem negociações para dispor de si. Foi essa proposição que tornou possível o encontro das teorias com as vozes das mulheres expressas em seus relatos.

A partir da reflexão sobre nossas vivências nos dois grupos – e em consonância com a hermenêutica da avaliação crítica – elaboramos uma escala de valores libertadores feministas: espaços de pertencimento/convivência, formação, autonomia do corpo, compreensão ampla da realidade das mulheres, tomar a palavra e cuidado de si. Esse giro hermenêutico se completou com a articulação da escala com as perspectivas teóricas dos Estudos Decoloniais, da Comunicação e das Teorias Feministas e de Gênero.

De acordo com os objetivos da pesquisa, nos detivemos na compreensão e sistematização das experiências que motivam e mobilizam as mulheres a fazer relatos, assim como nas marcas das mídias sociais onde esses relatos foram elaborados. Além disso, dedicamo-nos à investigação das experiências e práticas que compõem as negociações das mulheres para dispor de si. A análise dos relatos das mulheres do ALGO MAIS e do Vamos juntas? foi mais um dos momentos desse encontro entre reflexões teóricas e ações das mulheres, visando verificar a relação entre as mídias sociais e o aumento da capacidade de dispor de si.

Para que esse encontro produza efeitos que tensionem uma abordagem reformista, limitada ao debate das pressões de gênero e à busca por espaços dentro mesmo sistema que as configura, revisito alguns dos conceitos que fundamentaram nossas reflexões. Considero esses recursos potentes para a transformação social, pois permitem investir em uma elaboração teórica com potencial e virtude política.

Com a apresentação desses conceitos, afirmamos que a comunicação em redes aumenta a capacidade das mulheres de realizarem seus desejos em condições situadas, ou seja, de disporem de si mesmas. Nesse sentido, esses conceitos funcionam como recursos de compreensão, contribuindo para a visibilidade das práticas e experiências das mulheres.

Desde as escolhas particulares desta pesquisa, as compreensões se somam aos movimentos de mulheres oriundos de diversas geoculturas, se articulam com caminhos traçados por outras pesquisadoras e ativistas, instaurando encruzilhadas interpretativas a partir da perspectiva da Comunicação.

Um dos primeiros conceitos que influenciaram nossas inquietações e reflexões de pesquisa é derivado do debate proposto por Gandarilla (2016), abordando um dos efeitos da colonialidade que é a simplificação das categorias universais explicativas. Esse debate destaca que as rotulações das pessoas – mulher/negra/índia, por exemplo – tem contribuído para reduzir a diversidade de suas vidas e a sua humanidade, negando à sociedade um entendimento amplo e diverso sobre sua existência. Isso impede gestos de identificação social, solidariedade e acolhimento coletivos entre as/os próprios sujeitos rotulados e a sociedade em geral.

Assim, a comunicação em rede promove a decolonização das relações estabelecidas com base nessas simplificações, organizando, registrando e proporcionando visibilidade a informações que complexificam essas categorias em geral, e a categoria mulher em particular.

A complexificação reivindicada pelo pensamento decolonial assume contornos palpáveis na comunicação em rede. A partir da experiência investigativa de analisar os relatos das mulheres do ALGO MAIS e Vamos juntas? Podemos elaborar duas abordagens. Na primeira, voltamos para as práticas destas mulheres nas mídias sociais: elas ocupam esses espaços de forma tanto espontânea quanto organizada, produzindo uma leitura da realidade nos seus próprios termos. Nomeiam a realidade a partir de suas experiências, em um movimento de rejeição das categorias sexistas e de reelaboração oferecendo um aparato interpretativo diferente para os fatos sociais.

Mesmo diante das desigualdades no acesso ao uso das mídias, observa-se uma ocupação politizada por parte das mulheres. Essa politização é, simultaneamente, uma expressão de consciência e um meio de conscientização sobre as condições e situações das mulheres no Brasil e em Moçambique.

Na segunda abordagem refimo-nos ao acionamento de redes de apoio e resistência, que incluem também uma vivência presencial. Os relatos das mulheres sobre a presença física de outras mulheres em seu cotidiano representam uma resistência ao apagamento das relações de confiança no universo feminino, frequentemente enfatizado pelos discursos da mídia tradicional como em notícias, novelas, filmes, entre outros. Esses relatos ressaltam que a rivalidade feminina é também uma construção discursiva sexista.

Dessa forma, os conteúdos produzidos nas mídias sociais por mulheres circulam entre os espaços on e off-line, ampliando o que as mulheres, entre si, entendem como possibilidades de sua existência, ao mesmo tempo que tensionam as categorias restritivas que servem ao pensamento tradicional sobre papéis sociais de gênero. Essa circulação adiciona informações, conceitos e leituras de mundo que têm origem na ação e reflexão no cotidiano de mulheres comuns. Tais leituras complexificam o repertório discursivo – em suas expressões sociais, culturais e políticas – disponível para produzir conhecimento sobre a realidade do mundo.

Decolonizar é outro conceito que orientou nossas reflexões durante o trabalho, cujo significado se tornou mais evidente a partir da imersão no trabalho de campo em Moçambique. Nesse contexto, as reflexões sobre os efeitos persistentes da colonização e da diáspora africana (OYĚWÙMÍ, 2017; AKOTIRENE, 2019) trazem para o debate acadêmico tanto os processos de invisibilização, quanto os recortes que fragmentam e simplificam as relações do Brasil com o continente africano.

Como pessoas brancas e pesquisadoras privilegiadas pela racialização do acesso à universidade com espaço de formação e trabalho, esses debates demoraram a chegar à nossa prática investigativa.

E eles chegaram antes como uma experiência pessoal ao conhecer a generosidade dos orixás, dos axés de Oxum, mãe das águas doces e senhora de toda a vida sobre a Terra, e de Xangô, que distribui os méritos da justiça. Do ponto de vista pessoal/íntimo, o acesso a esse axé – que devido à nossa condição de mulheres brancas, foi situado, pois não fez parte da nossa formação até a vida adulta – é símbolo da compaixão de uma cultura afetiva e inclusiva – a cultura africana - que resiste ao apagamento histórico de sua gente. Já para nossa ação como pesquisadoras feministas, esta sensibilização significou a abertura para outros sentidos de mundo organizados em forma de teorias.

Assim, as teorias decolonias nos permitiram buscar, nas práticas e experiências das mulheres com as mídias sociais e suas redes físicas e virtuais, as marcas da resistência que sempre estiveram presentes no cotidiano delas. A resistência atravessa suas dores, sustenta suas alegrias e diariamente abre pequenas brechas na estrutura da sociedade sexista. São tão pequenas essas brechas, diante da magnitude das opressões e dos

interesses da sociedade patriarcal, que a mídia hegemônica ignora, e quando visibiliza, distorce.

Nesse contexto, foram as reflexões decolonias que proporcionam o repertório para o entendimento do significado dos relatos das mulheres brasileiras e moçambicanas nas relações que elas estabelecem por meio das mídias sociais. Essas mídias registram a ocupação de um espaço e a tomada da palavra por parte das mulheres para falar de si em primeira pessoa. Com essa ação, os relatos das suas vulnerabilidades, o reconhecimento e a nomeação das opressões, violências e desigualdades constituem uma reivindicação de sua humanidade negada.

Como “o outro” da lógica sexista, a mulher não é uma interlocutora válida para modernidade capitalista que se volta para a narrativa dos grandes feitos, glorificando a guerra e a morte, em um processo sistemático de desumanização de meninas e mulheres, especialmente nos países da periferia do capitalismo. Assim, as mídias sociais conferem corpo e visibilidade às práticas das mulheres no sentido de exercerem sua autonomia, buscarem independência de viver, governarem suas vidas, aumentarem suas possibilidades de escolha e decisão sobre seu destino e sobre os temas fundamentais da vida em sociedade, como segurança, emprego, violência, representatividade política, entre outros, presentes nos relatos que analisamos.

Dispor de si – disponer de una misma – foi o conceito que nos chegou através palavra de TZUL TUZL (2017), a partir do qual tivemos o primeiro vislumbre do que poderia ser um modo justo de olhar para a realidade das mulheres brasileiras e moçambicanas. Esse conceito nos permitiu considerar – sem hierarquizar – os diversos pontos de partida (RIBEIRO, 2019) das mulheres, visíveis em seus movimentos pessoais e coletivos para realizar seus desejos. Esta abordagem convocou-nos, durante todo o trabalho de pesquisa, a não perder de vista o que as mulheres querem para suas vidas e o modo como negociam, dentro dos cativeiros (LAGARDE, 2005) onde se veem instaladas, para realizá-los. Assim, é possível fazer a crítica às construções teóricas que, mesmo imbuídas de indignação ética contra as opressões, acabam por reproduzir universalismos ao propor esquemas fechados e reducionistas sobre o que significa ser mulher, uma mulher livre e realizada.

Considerar os desejos das mulheres como centro de suas escolhas e ações permitiu-nos olhar para as diferenças sociais, culturais e econômicas entre as mulheres do Brasil e Moçambique sem fazer comparações diretas, mas reconhecendo as sintonias e especificidades de cada contexto. Dessa forma, é possível afirmar que a condição que atravessa a mulher brasileira e moçambicana – sua condição generificada – vem à cena pública nas mídias sociais como denúncia das opressões, violências e injustiças. Essas mulheres como pessoas situadas, seus contextos particulares de vida, compartilham nas mídias sociais e nas suas redes presenciais, como relatos em primeira pessoa que redefinem sua autoimagem.

Nem sempre, e nem todas as mulheres buscam enfrentamentos pessoais ou coletivos, mas todas, em alguma medida, são transtrocadas pelo mundo (LAGARDE, 2005). Os efeitos das mudanças de sentido sobre o que significa ser mulher chegaram à muitas das integrantes da pesquisa por meio das mídias sociais. Através das informações que circulam e são compartilhadas, elas acessaram a compreensão de que os processos de autonomia e emancipação das mulheres estão vinculados tanto aos seus gestos cotidianos individuais quanto às manifestações coletivas organizadas em maior escala. Por conta disso, o acesso ao conjunto de informações facilitadas pelas mídias sociais possibilita que cada mulher possa se reconhecer como parte integrante desses movimentos de mudança social.

A interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019) é outra abordagem conceitual que aciona a complexidade das categorias analíticas e, desde sua origem no pensamento de intelectuais negras, aponta para a necessidade de ampliar a perspectiva da “visão” para “sentido” de mundo (OYĚWÙMÍ, 2017). Articulando analiticamente aspectos de gênero, raça e classe, a interseccionalidade permite outros registros das experiências humanas – especialmente das mulheres – como os encontros, as falas, as escritas, as imagens, as tecnologias de comunicação.

Nesse contexto de registros, as mídias sociais servem para dar corpo às experiências de resistências acumuladas e renovadas; condensam, registram, recuperam memórias ancestrais, atualizam essas memórias e as apresentam na cena pública. Desde a perspectiva da interseccionalidade, é possível analisar cada registro de experiência para

questionar e revelar as estruturas culturais, econômicas e institucionais que atuam sobre a vida das mulheres, individual e coletivamente.

No entanto, mudanças sociais e culturais só poderão ser plenamente efetivadas quando toda a sociedade estiver comprometida. Isso aponta para o que consideramos um dos principais desafios dos movimentos feministas na atualidade: a ampliação do diálogo com o universo masculino nos diversos espaços de sociabilidade. Para alcançar esse objetivo, o movimento de reconstrução também precisa direcionar seus esforços aos homens, identificando aliados para as lutas pela promoção da igualdade e justiça de gênero.

Esse movimento exige empenho em tornar acessíveis os conteúdos acumulados pelas teorias, metodologias e ativismos das mulheres, de modo que estes possam circular e dialogar com a diversidade dos espaços e esferas da vida compartilhadas.

Nesse contexto, o pensamento de bell hooks (2019) aposta na restauração da beleza das relações humanas entre mulheres e homens, propondo a revisão das bases da educação formal tanto para meninas quanto para meninos, além de uma intervenção estratégica nas mídias para promover a compreensão dos valores feministas. A comunicação pode ser o eixo organizador dos movimentos feministas para enfrentar mais esse desafio.

A comunicação, enquanto área do conhecimento e conceito, é o ponto de partida investigação. Desde a sua elaboração até a execução, compartilhamos com nossos pares da área o desafio de pensar o que é o “comunicacional” das nossas pesquisas. As possibilidades abrangem a escolha dos chamados objetos, as mídias, as teorias ou determinado modo de problematizar a realidade, sem que haja consenso entre as diferentes tradições de pesquisa nesta área. Em nosso percurso como pesquisadoras, temos respondido a este desafio priorizando as abordagens que colocam as ações das pessoas como sujeitos da comunicação no centro das reflexões.

Nesse sentido, debates que relacionam a comunicação com os estudos de internet, redes e mídias sociais, foi a perspectiva sociocultural de Miller et al. (2016) que possibilitou uma leitura da utilização e do uso da tecnologia, a partir da efetiva participação das mulheres. A comunicação, no contexto das práticas e experiências das mulheres, é vínculo, é segurança, é conforto, é acolhimento e aprendizado. Assim, as

mídias sociais se tornam um aspecto fundamental no aumento da capacidade de dispor de si para as mulheres, pois podem dar visibilidades às suas experiências, acumular e transmitir informações elaboradas a partir do lugar de fala delas.

As redes sociais, tanto online como offline, que emergem no processo de comunicação, produzem a visibilidade que importa: permitir que as mulheres se vejam, umas às outras, e atualizem suas autoimagens e suas compreensões sobre a condição de sujeitos de sua própria história, exercendo sua soberania existencial (SODRÉ, 2017).

Esta comunicação, que contribui para o reposicionamento dos sujeitos, habita as práticas das mulheres, constituindo suas experiências; tem axé: registro de relatos e reflexões, atitudes e ações de mobilização que têm força, qualidade e potencial de transformação social. Ela ganha visibilidade no ato de compartilhar as experiências vividas e em como estes relatos, em conjunto, comunicam sobre uma vida e o mundo na perspectiva das mulheres.

Estas reflexões, derivam dos movimentos de ação pela transformação, na perspectiva de comunicadora e investigadora feminista, e são enriquecidos pelas práticas e experiências das mulheres. Essa abordagem se soma a um conjunto de ações e emoções potentes e criativas como destacado por Fiorenza (2009). Tais elementos são fundamentais para sustentar e dar continuidade às lutas das mulheres do nosso tempo por uma sociedade justa e solidaria para todas e todos.

Assim buscamos evidenciar processos de reflexão, desejos, falas e decisões das mulheres brasileiras e moçambicanas. Estes, são registrados em relatos que descrevem práticas criativas e políticas, marcadas por resistências e nutridas por racionalidades plurais. Vale ressaltar que os limites deste estudo refletem a dinâmica dos processos de produção de conhecimento, carregando as marcas do seu tempo. Este trabalho representa uma das versões possíveis sobre os temas abordado, alimentado pelas subjetividades, afetos e inteligibilidades presentes nas ações das mulheres, incluindo nossa participação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: RECONSTRUIR

Dessa forma, nossa pesquisa se propôs a um movimento de reconstruir, como proposto por Fiorenza (1989; 2009), reconhecendo, portanto, que já existe algo construído. Concedemos espaço ao reconhecimento da existência e das ações de uma

sociedade que estruturalmente oprime suas mulheres, e que é objeto de movimentos de suspeita, crítica e desconstrução por partes destas. Nesse sentido, a luta por justiça social para as mulheres não parte de um marco zero, mas sim de movimentos simultâneos de enfrentamentos e celebração.

Ao mesmo tempo em que celebramos pequenas e grandes vitórias, há em todo o mundo – especialmente nos países mais pobres – mulheres cuja situação de vida não permitiu levantar os olhos e enxergar o cativo. Elas o experimentam, mas ainda não tiveram a condição e os recursos necessários para nomear e trastocar seus desejos e destinos.

É perceptível nos dois grupos, o papel significativo que as mulheres atribuem ao ato de “estar juntas”: esse é um espaço destinado à denúncia de violências e opressões sofridas, à partilha de pequenas e grandes conquistas, à acolhida das dores e inseguranças, ao enfrentamento do estranhamento diante do diferente, e a prática de escuta e de fala. Este lugar é concebido como um espaço que potencializa o reconhecimento, destacando que só por meio do fortalecimento mútuo é possível impulsionar mudanças sociais e culturais.

Por isso, é fundamental reconstruir o mundo com e para as mulheres agindo com determinação, mas com o devido cuidado para assegurar que nenhuma seja deixada para trás. Quando Kokwana (2018), uma das nossas interlocutoras na pesquisa, orienta sua irmã: “Cria tua casa. Cria teu futuro”, ela está exercitando a imaginação criativa (FIORENAZA, 2009), gerando uma visão utópica ainda não realizada, sonhando com um mundo de justiça e bem-estar. Este exercício não é ingênuo ou inútil; ele está conectado às experiências como possibilidades, destacando tanto a capacidade de conceber mudanças, quanto a percepção das situações que podem ser modificadas.

Portanto, “cria a tua casa” representa os movimentos do presente, exemplificados de maneira notável pela ocupação, pelas práticas e experiências das mulheres nos espaços físicos e nas mídias sociais. Por outro lado “cria teu futuro” nos convoca a fortalecer as redes físicas e virtuais para que possam acolher aquelas e aqueles que virão depois de nós.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro: Polén, 2019. 152p.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. São Paulo. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2WzHKk1>. Acesso em: 13 maio 2019.
- FIORENAZA, Elisabeth S. **Caminhos da Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009. 256 p.
- FIORENZA, Elisabeth S. **En memoria de Ella**. Una reconstrucción teológico-feminista de los orígenes del cristianismo. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 1989. 415p.
- GANDARILLA, José. Epistemologias do sul: Intelectual crítico decolonial e universalidade transmoderna. *In*: Congresso Internacional Epistemologias do Sul: perspectivas críticas, 1., 2016, Foz do Iguaçu, PR. **Conferência de abertura** (anotações pessoais). UNILA, Foz do Iguaçu/PR.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras**. 3 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. 175p.
- KOKWANA. [Entrevista cedida à Vera Martins]. **Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)**, Maputo/Moçambique, 21 mar. 2018.
- LAGARDE, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres**. Madresposas, monjas, putas, presas y locas. Universidad Autonoma de México: México, 2005. 884 p.
- MIGNOLO, Walter. *et al.* **Género y decolonialidad**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. 94 p.
- MILLER, Daniel. *et al.* **How the world changed social media**. London: University College London Press, 2016. 288 p.
- OYĒWÙMÍ, Oyèronké. **La invención de las mujeres**. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá, Colombia: Editorial *en la frontera*, 2017. 316p.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 112p.
- SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 238p.
- TZUL TZUL, Gladys. **Sistemas de Gobierno Comunal Indígena**. Mujeres y tramas de parentesco em Chuimeq' ena'. Guatemala: Editorial Maya Wuj, 2016. 222 p.

Original recebido em: 19 de outubro de 2023
Aceito para publicação em: 24 de janeiro de 2024



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional